CENTRO ALPHA DE ENSINO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
RAFAEL FELFELI AJUDARTE

LIQUIDOS: FORMA FARMACÊUTICA HOMEOPATICA

SÃO PAULO
2014

RAFAEL FELFELI AJUDARTE

LIQUIDOS: FORMA FARMACÊUTICA HOMEOPATICA

Monografia apresentada a ALPHA/APH como Exigência para obtenção do título de especialista em Farmácia Homeopática.

Orientadora: Marcia Borges

SÃO PAULO
2014

Ajudarte, Rafael Felfeli

Liquidos: forma farmacêutica homeopatica / Rafael Felfeli Ajudarte. -- São Paulo, 2014.

28f. ; 30 cm ; il.

Monografia – ALPHA/APH, Curso de Pós Graduação em Homeopatia

Orientador: Profa. Marcia Borges

1. Homeopatia 2. Farmácia Homeopática 3. Veículos Homeopáticos I. Título

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 1
1.1 Hipócrates e seus princípios da similitude 1
1.2 Samuel Hahnemann 2
1.3 O nascimento da Homeopatia 3
1.4 A homeopatia no Brasil 4
1.5 O que é Homeopatia 5
1.6 Princípios básicos 6
1.6.1 Experimentação no homem sadio 7
1.6.2 O princípio da globalidade 8
2 FORMAS FARMACÊUTICAS PARA USO INTERNO 10
2.1 Dose única líquida 10
2.2 Gotas 10
2.2.1 Quando os insumos ativos forem líquidos 11
2.3 Formas farmacêuticas para uso externo 12
2.3.1 Formas farmacêuticas líquidas 12
2.3.1.1 Linimentos 12
2.3.1.2 Preparações nasais 12
2.3.1.3 Preparações oftálmicas 13
2.3.1.4 Preparações otológicas 13
2.3.1.5 Com insumos ativos liquidos 14
2.3.1.6 Com insumos ativos liquidos 15
2.3.1.7 Com insumos ativos liquidos 15
3 FORMULAÇÕES FARMACÊUTICAS 16
3.1 Formulações liquidas 16
3.2 Com mais de um insumo ativo liquido 16
4. DISCUSSÃO 18
5. CONCLUSÃO 19
REFERÊNCIAS 20

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo apresentar ao leitor a história da homeopatia, desde a época de Hipócrates, passando pela vida do Christian Friedrich Samuel Hahnemann, leis dos semelhantes e doses infinitesimais.Farmacotécnica homeopática tem como objetivo apresentar, a forma correta de se manipular a partir dos princípios ativos para a fabricação de medicamentos homeopáticos, através de técnicas de manipulação, oferecer informações sobre o processo de fabricação de medicamentos homeopáticos, abordando os equipamentos, técnicas e escalas de diluição, bem como a legislação que regulamenta as atividades de produção e manipulação de medicamentos homeopáticos segundo os compêndios oficiais. **(Dossiê Técnico - DUTRA, Verano Costa)**

Palavra chaves: Homeopatia, medicamentos homeopáticos

ABSTRACT

This monograph aims to introduce the reader to the history of homeopathy, since the time of Hippocrates, passing on the life of Christian Friedrich Samuel Hahnemann, laws of similars and infinitesimal doses. Homeopathic purpose aims to present, the correct way to handle from the active ingredients for the manufacture of homeopathic medicines, through manipulation techniques, offer information about the homeopathic manufacturing process, addressing the equipment, techniques and dilution scales, as well as the legislation that regulates the activities of production and manipulation of homeopathic medicines in accordance with the official textbooks. (Technical Dossier-DEMARCUS, Verano Costa)

Key words:manipulation techniques

1 INTRODUÇÃO

1.1 Hipócrates e seus princípios da similitude

As primeiras tentativas de criar uma teoria racional sobre a saúde e a doença ocorreram nas escolas médicas de Grécia Antiga. O maior representante do pensamento médico grego sem dúvida foi Hipócrates (468 a.C – 377 a.C), considerado o pai da Medicina, responsável pelo estabelecimento de uma atividade médica apoiada no conhecimento experimental, desvinculada da religião, da magia e da superstição. (FONTES, 2013)

A Homeopatia se alicerça no seguinte aforismo enunciado por Hipócrates: “A doença é produzida pelos semelhantes e pelos semelhantes o paciente retorna à saúde”. Como exemplo, afirmou que as próprias substâncias que causavam tosse e diarréia, e provocavam vômito curavam doenças que apresentavam sintomas semelhantes, desde que utilizassem doses menores. Nas obras atribuídas a Hipócrates e seus predecessores encontram-se em vários trechos referências à assertiva *similia similibus curantur*, ou seja, o semelhante será curado pelo semelhante, embora a norma geral na terapêutica adotada naquela época fosse *contraria contrariis curantur*, ou seja, o contrário será curado pelo contrário, (FONTES, 2013)

A medicina ocidental possui duas correntes terapêuticas fundamentadas nos princípios dos contrários e dos semelhantes. A tradicional alopatia emprega o princípio dos contrários para combater as doenças, por meio de substâncias que atuam contrariamente aos sintomas, como anti-inflamatórios e antitérmicos. A homeopatia baseia-se no princípio da similitude, apoiando-se na observação experimental de que toda substância capaz de provocar determinados sintomas em um indivíduo sadio é capaz de curar, desde quem em doses adequadas um doente que apresente sintomas semelhantes. (FONTES, 2013)

1.2 Samuel Hahnemann

Christian Friedrich Samuel Hahnemann nasceu no dia 10 de abril de 1755, em Meissen, uma das cidade mais antigas da Saxônia, região oriental da Alemanha, em uma época em que o comércio de porcelanas era maior fonte de riqueza. Filho de uma casal de artesãos de porcelana, já na primeira infância observava os pais no preparo de tintas e esmaltes, o que lhe proporcionou um gosto de todo especial por química. (FONTES, 2013)

Na época, a profissão em alta era a de marcador de porcelanas foi orientado pelo pai para o aprendizado de varias línguas. Hahnemann precocemente revelou seu grande gênio, tendo aos 12 anos de idade cursado humanidades e aos 14, a pedido de um de seus professores, ministrado aulas de grego para sua turma. (FONTES, 2013)

Encontrou certas dificuldades em seus estudos, uma vez que não podia, como plebeu, freqüentar a biblioteca da sua escola. Todavia, recebeu ajuda do seu professor de línguas, Dr Müller. (FONTES, 2013)

A seguir, em 1775, foi para Leipzig estudar Medicina e, sustentar-se, ministrou aulas particulares de línguas estrangeiras e traduziu as obras científicas para o Alemão. (FONTES, 2013)

Após dois anos de estudos na Universidade de Leipzig , Hahnemann resolveu continuá-los em Viena, pois a escola dessa cidade austríaca proporcionava maior cabedal científico. (FONTES, 2013)

Ele trabalhou intensamente na prática médica no hospital-escola, envolvendo-se em tarefas diretas com pacientes, o que não era comum entre os médicos da época. Com sua inteligência dedicação logo conquistou a simpatia do diretor do hospital Dr Quarin, que o indicou ao governador da Transilvânia, barão Von Bruckenthal, para ser médico particular e diretor de uma das melhores bibliotecas científicas da Europa. (FONTES, 2013)

Em 1779 e 1787, Hahnemann residiu em várias cidades, conquistando enorme clientela e excelente reputação como médico e farmacologista. Em Dessau,

freqüentou a “Pharmacia” do boticário Haesseler, onde conheceu Joahanna Henriette Leopoldine Küchler, com quem casou e teve onze filhos. Em Dresden, trabalhou como substituto do diretor de Saúde Pública. Nesse período, escreveu várias obras e artigos, em especial sobre Medicina, Química e Mineralogia, além das traduções que realizava rotineiramente. (FONTES, 2013)

1.3 O nascimento da Homeopatia

Em 1790, ao traduzir a matéria médica homeopática, do médico escocês Willian Cullen, Hahnemann ficou indignado com o fato de esse autor atribuir a eficiência terapêutica da droga *quina* ao seu efeito tônico sobre o estômago do paciente acometido de malária. (FONTES, 2013)

Inconformado com esta interpretação, assume a iniciativa de experimentar a droga em si próprio, num plano de ingestão de duas doses diárias de 4 dracmas (1 dracma = 3,24 gr) da quinquina, passando então a assinalar os sintomas que, embora sem a febre característica, traziam a aparência global da febre intermitente com; esfriamento de extremidades, prostração geral, sonolência, pulsações na cabeça, rubor facial e sede em paroxismos de 3 a 4 horas de duração e que, quando dissipado, reaparecia desde que nova dose de quinquina fosse ingerida. (FONTES, 2013)

Desta experiência veio o raciocínio de que a *China officinalis* atua na febre intermitente pela sua capacidade de produzir quadro semelhante em organismos sadios. (FONTES, 2013)

Após muitos estudos., começou a fazer discípulos que o ajudaram a realizar as experimentações e a catalogar, nos mínimos datalhes, o o poder farmacodinâmico e curativo das drogas testadas. Com isso, em 1805, publicou a primeira (FONTES, 2013)

Em 1810, Hahnemann publicou a primeira edição de seu livro básico, *organon da arte de curar*, no qual encontra a doutrina homeopática e seus ensinamentos , bem como regras minuciosas para exame, entrevista e tratamento do paciente. (FONTES, 2013)

Entre 1811 e 1826, publicou os seis volumes da *Matéria médica pura*, com 1.777 páginas e 64 medicamentos experimentados. (FONTES, 2013)

1.4 A homeopatia no Brasil

Em 1840, a homeopatia foi introduzida no Brasil pelo médico francês, natural de Lyon, Dr Benoit Jules Mure, mais conhecido no nosso meio como Bento Mure.O numero da homeopatas foi crescendo e, por conseguinte, os farmacêuticos passaram a manifestar interesse pela doutrina, participando dos cursos organizados pelo Dr. Mure por seu colega, Dr. João Vicente Martins. (FONTES, 2013)

Por volta de 1851, a Escola Homeopática do Brasil, sob forte pressão dos farmacêuticos , aprovou a separação da prática médica da prática farmacêutica. Não existiam, até então, leis que regulamentassem a farmácia homeopática no Brasil, facultando a manipulação de medicamentos homeopáticos aos proprietários leigos. Somente em 1886, com o Decreto n. 9.554, surgiu a uma lei que dava o direito de manipulação apenas aos farmacêuticos. (FONTES, 2013)

Em 1965 pelos esforços de médicos e farmacêuticos, por meio de Decreto n. 78.841,de 25 de novembro de 1976, foi aprovada a parte geral da primeira edição da *Farmacopéia Homeopática Brasileira.* Em 1980, com a Resolução n. 1000./80, a homeopatia foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como especialidade médica. (FONTES, 2013)

Em Congresso Brasileiro de Homeopatia, realizado em Gramado (RS) em 1988, foi aprovada a publicação do *Manual de Normas Técnicas para a farmácia homeopática*, editado pela Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH) em 1992. (FONTES, 2013)

Em 2003, com o subtítulo “ampliação dos aspectos técnicos e práticos das preparações homeopáticas”, foi publicada a terceira edição do manual de *Normas Técnicas para farmácia homeopática,* fazendo com que os farmacêuticos homeopatas de todo Brasil pudessem contribuir para sua elaboração. (FONTES, 2013)

De acordo com a Portaria n. 1.180, do Ministério da Saúde, no dia 19de agosto de 1997 foi aprovada a Parte I da 2ª edição da *Farmacopéia Homeopática Brasileira.* Em 17 de junho de 2003, por meio da Resolução-RDC n. 151, da Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), foi aprovado o Fascículo I da Parte II da segunda edição dessa farmacopéia. (FONTES, 2013)

Em 2 de setembro de 2011, por meio da Resolução-RDC n. 39, foi publicada a 3ª edição da Farmacopéia Homeopática Brasileira. No dia 6 de outubro de 2011, foi lançada na Cidade Foz do Iguaçu, durante o VIII Congresso Brasileiro de Farmácia Homeopática. (FONTES, 2013)

1.5 O que é Homeopatia

A Homeopatia é uma especialidade médica e farmacêutica que consiste em ministrar ao doente doses mínimas do medicamento, de acordo com a lei dos semelhantes, para evitar a agravação dos sintomas e estimular a reação orgânica na direção da cura.

A palavra homeopatia, criada por Hahnemann, é de origem da língua grega *homoios*, “semelhante”, e *pathos* “sofrimento”, designa o método terapêutico baseado na lei naturalde cura *similia similibus curantur,* ou seja, o semelhante cura semelhante.

A missão do clínico homeopata é pescrever substancias que, quando utilizadas em pessoas sadias, produzam sintomas análogos aos da doença a ser combatida. Essas substâncias são transformadas em medicamentos homeopáticos pelo farmacêutico especialista em homeopatia. Técnica utilizada para produção dos medicamentos homeopáticos é denominada *dinamização,* que permite diminuir os efeitos tóxicos da substância original. E aumentar se potencial curativo. (FONTES, 2013)

1.6 Princípios básicos

Qualquer substância capaz de provocar determinados sintomas em seres humanos sadios e sensíveis, em doses adequadas, especialmente preparadas, é capaz de curar um enfermo que apresente quadro mórbido semelhante, com exceção das lesões irreversíveis. (SAREMBAUD, 2003)

Se administrarmos uma substância em uma dose capaz de a homeostase orgânica,o organismo apresentará um grupo de sintomas relacionados à substância que está sebdo testada. Esses sintomas são chamados patogenéticos. Para que o organismo priduza sintomas é necessário que a dosagem da substância testada seja forte o bastante para promover seu desequilíbrio, ou que o organismo tenha altograu de sensibilidade a susbtância testada. (SAREMBAUD, 2003)

Patogenesia é o conjunto de sintomas, objetivos (físicos) e subjetivos (emocionais e mentais), que um organismo sadio apresenta ao experimentar determinada sustância medicinal.

É chamado de *simillimum* o “remédio” que abrange a totalidade dos sintomas de um homem doente, ou seja, aquele medicamento cuja patogenisia melhor coincidir com os sintomas apresentados pelo doente. (SAREMBAUD, 2003)

Portanto, a indicação de um medicamento homeopático depende das características pessoais e reacionais do paciente. O clínico homeopata deverá saber reconhecer a ptogenisia que melhor se adapta às manifestações físicas, emocionais e mentais presentes no doente para, em seguida, pescrever o *simillimum.* (SAREMBAUD, 2013)

A terapêutica homeopática fundamenta-se em três postulados, de diferente importância, mas estreitamente ligados e complementares:

- O principio da semelhança, indispensável e primordial na matéria;
- O principio do infinitesimal, conseqüência tirada, como já vimos, da experiência;
- O principio da globalidade, que se traduz por se levar em conta tanto o doente quanto sua doença. (SAREMBAUD, 2003)

Hahnemann fundamentou sua doutrina na noção do principio de semelhança, que se enuncia assim: toda substância susceptível de produzir, seja em dose ponderável, tóxica ou fisiológica, seja em diluição infinitesimal, um quadro mórbido em um indivíduo que apresente uma saúde em bom equilíbrio, e sensível a essa substância, é capaz de curar, se utilizada em dose infinitesimal (exceto no caso em que haja lesões irreversíveis), um quadro patológico idêntico ao primeiro. (SAREMBAUD, 2003)

Para que as observações clínicas sejam realmente significativas, é preciso de um lado que os efeitos das substâncias testadas sejam apreciados num indivíduo sadio e que, por outro lado, o indivíduo seja sensível à tal substância. Esta sensibilidade é por si só função de um determinado perfil global do indivíduo, fazendo intervir inúmeros parâmetros que são pessoais. (SAREMBAUD, 2003)

1.6.1 Experimentação no homem sadio

A *diluição* dos produtos utilizados em homeopatia é o segundo maior princípio que decorre das pesquisas de Hahnemann e de seus sucessores: é o corolário da semelhança, a fim de se subtrair ao efeito da ressonância ou da toxicidade dos produtos prescritos. Quanto mais a preparação é diluída e agitada (utiliza-se, nesse caso, o termo “dinamização” ou “sucussão” do medicamento), mais aumenta seu poder terapêutico e, por conseguinte, os sinais obtidos no indivíduo que a ingeriu, são significativos e característicos. (SAREMBAUD, 2003)

Aliás, não se deixa de observar reações que se poderia qualificar de singulares, o que ilustra a multiplicidade das reações individuais. Inversamente, uma preparação feita sumariamente, muito pouco diluída, não determina a não ser sinais superficiais, comuns e breves. A eficácia disso está estreitamente subordinada á diluição infinitesimal, em decorrência do valor dos sinais que apresenta, além de outras, a vantagem de evitar toda toxicidade. (SAREMBAUD, 2003)

O quadro I ilustra o lugar específico que a utilização de doses infinitesimais confere à homeopatia, dentre as diversas disciplinas médicas. (SAREMBAUD, 2003)

QUADRO I. Relação entre as doses e as disciplinas médicas.

Dose	Domínio
Tóxica	Toxicologia
Subtóxica	Farmacologia
Fraca	Imunologia
Infinitesimal	Homeopatia

O infinitesimal é uma conseqüência necessária, um corolário indispensável, mas não suficiente. Somente a semelhança personalizada carateriza a homeopatia. A realidade científica é médica da atividade das doses infinitesimais é provada por inúmeros trabalhos, onde os capítulos 25 e 26 dão conta dos mais significativos e recentes. (SAREMBAUD, 2003)

1.6.2 O princípio da globalidade

Toda terapêutica tem por causa cura. A patologia, resposta do organismo a uma agressão ou a um desequilíbrio, pode ser aguda. Nesta eventualidade, a semelhança deve ser estabelecida entre o quadro clínico observado no momento ea Matéria Médica homeopática em posse do praticante. Mas a afecção pode se mostrar mais antiga e polivalente e se define então como um distúrbio crônico. Nesse caso, a noção de terreno ou de modo reacional, responde à busca da globalidade do indivíduo que sofre. A metodologia homeopática possui chaves para abrir gavetas que constituem o terreno mórbido próprio de cada doente. A doença crônica pertence às modalidades reativas de um paciente, ao que comumente se chama de terreno. (SAREMBAUD, 2003)

Este último, propício determinadas manifestações mórbidas, foi definido como uma *diátese*. Este termo diátese (do grego *diathesis,* que quer dizer disposição) faz, aliás, perte do vocabulário geral da medicina, e que se comprrende por um “conjunto de sintomas distintos, que atingem simultânea ou sucessivamente o mesmo indivíduo e que supostamente assinalam a mesma causa”. Mas a medicina homeopática refletiu em especial sobre esta noção e utilizou este termo genérico

para descrever quatro entidades nitidamente diferenciadas das outras. Este termo será, aliás, definido, com insigne precisão. Será possível ao médico fazer com que se articulem diversas patologias que afetam o mesmo paciente, adotando um desenvolvimento lógico, levando em conta:

- A importância da anamnese com seus antecedentes pessoais e familiares.
- O ressurgimento de problemas antigos;

A existência de uma disposição geral (SAREMBAUD, 2003)

2 FORMAS FARMACÊUTICAS PARA USO INTERNO

2.1 Dose única líquida

Quantidade limitada de medicamento líquido a ser tomada de uma só vez.

Ponto de partida. Matriz na potência desejada.

Insumo inerte. Água purificada ou etanol até 5% (v/v).

Técnica. Diluir o ponto de partida no insumo inerte na proporção desejada.

Volume de preparação e dispensação. De acordo com o solicitado. Quando não especificado na prescrição, serão dispensadas na proporção de duas gotas do ponto de partida por mL do insumo inerte, até um volume máximo de 10 mL. (FHB, 2011)

2.2 Gotas

Solução oral a ser administrada sob a forma de gotas.

Ponto de partida. Insumo ativo na potência anterior à desejada. Na escala LM, o ponto de partida é o microglóbulo na potência desejada.

Insumo inerte. Etanol a 30% (v/v). No caso de medicamentos nas potências até 3 CH ou 6 DH inclusive, utilizar o mesmo teor alcoólico do ponto de partida.

Técnica. Dinamizar o medicamento desejado em etanol a 30% (v/v), a partir do insumo ativo na potência anterior à desejada. No caso de medicamentos nas potências até 3 CH ou 6 DH inclusive, utilizar no preparo e para a dispensação o mesmo teor alcoólico do ponto de partida.

Volume de preparação. De acordo com o desejado.

Na escala LM, dissolver um microglóbulo do medicamento na potência desejada, em uma gota de água purificada e acrescentar etanol a 30% (v/v); o volume dispensado deverá ocupar 2/3 da capacidade do frasco. (FHB, 2011)

Dispensação. O medicamento será dispensado no volume desejado dinamizado em etanol a 30% (v/v). No caso de medicamentos nas potências até 3 CH e 6 DH inclusive, dispensar no mesmo teor alcoólico do ponto de partida, colocando observação que “deverá ser administrado diluído em água na hora do uso”. (FHB, 2011)

2.2.1 Quando os insumos ativos forem líquidos

Técnica.

Impregnação e Mistura

• Os insumos ativos devem perfazer 10% (p/p) da formulação.

• Dividir essa proporção pelo número de insumos ativos da formulação.

• Preparar, separadamente, os insumos ativos sólidos por trituração, na dinamização desejada em quantidades iguais e suficientes para compor essa fase.

• Misturar e homogeneizar as preparações sólidas.

• Preparar, separadamente, os insumos ativos líquidos em etanol 77% (v/v) (equivalente a 70% (p/p)) ou superior, na dinamização desejada em quantidades iguais e suficientes para compor esta fase.

• Misturar os líquidos em partes iguais e suficientes para compor essa fase.

• Pesar a lactose, descontando a fase sólida.

• Adicionar a fase líquida à lactose e homogeneizar.

• Em seguida adicionar fase sólida a essa mistura e homogeneizar.

• Repartir em porções de 300 mg a 500 mg, quando for o caso.

• A secagem será executada separadamente, em temperatura não superior a 50 °C. (FHB, 2011)

2.3 Formas farmacêuticas para uso externo

2.3.1 Formas farmacêuticas líquidas

2.3.1.1 Linimentos

São preparações farmacêuticas que contém em sua composição insumo(s) ativo(s) dissolvido(s) em óleos, podendo ser incorporadas em soluções alcoólicas ou emulsões.

Insumo inerte. Soluções alcoólicas, óleos e bases emulsionáveis.

Técnica.

• Preparar o insumo ativo na potência desejada e incorporá-lo ao insumo inerte na proporção de 10% (p/v) ou (v/v).

• Quando for mais de um insumo ativo, prepará-los, separadamente, nas potências desejadas. Misturá-los em partes iguais e homogeneizar. Incorporar esta preparação ao insumo inerte na proporção de 10% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

2.3.1.2 Preparações nasais

São preparações destinadas à aplicação na mucosa nasal sendo apresentadas sob formas líquidas ou semi-sólidas.

Insumo inerte. Água purificada, solução de cloreto de sódio 0,9% (p/v), soluções hidroglicerinadas e bases para preparações semissólidas. (FHB, 2011)

Técnica.

• Preparar o insumo ativo na potência desejada e incorporá-lo ao insumo inerte na proporção de 1% a 5% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

• Quando for mais de um insumo ativo, prepará-los separadamente nas potências desejadas, misturá-los em partes iguais e homogeneizar. Incorporar esta preparação ao insumo inerte na proporção de 1% a 5% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

• Essa preparação deve apresentar pH próximo ao fisiológico. Para tanto, é permitido o uso de tampões preconizados pela literatura. É facultado o uso de conservantes. (FHB, 2011)

2.3.1.3 Preparações oftálmicas

Preparações destinadas à aplicação na mucosa ocular sendo apresentadas sob formas líquidas ou semissólidas.

Insumo inerte. Solução de cloreto de sódio 0,9% (p/v), água purificada, derivados de celulose e bases para preparações semissólidas. (FHB, 2011)

Técnica.

• Preparar o insumo ativo na potência desejada e incorporá-lo ao insumo inerte na proporção de 0,5% a 1% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

• Quando for mais de um insumo ativo, prepará-los, separadamente nas potências desejadas, misturá-los em partes iguais e homogeneizar. Incorporar essa preparação ao insumo inerte na proporção de 0,5% a 1% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

• Essa preparação deverá apresentar pH próximo ao fisiológico e atender aos requisitos de tonicidade e esterilidade. Para tanto são indicados os isotonizantes, tampões e conservantes preconizados pela literatura. (FHB, 2011)

• Na esterilização das preparações oftálmicas homeopáticas não serão permitidos os seguintes métodos: calor úmido, calor seco, radiação ionizante e por gás esterilizante. (FHB, 2011)

• Além dessas especificações, as preparações oftálmicas homeopáticas devem atender às exigências gerais para preparações oftálmicas. (FHB, 2011)

2.3.1.4 Preparações otológicas

São preparações destinadas à aplicação na cavidade auricular, apresentadas sob formas líquidas ou semissólidas.

Insumo inerte. Soluções alcoólicas, água purificada, óleos, solução de cloreto de sódio a 0,9% (p/v), soluções hidroglicerinadas e bases para preparações semissólidas. (FHB, 2011)

Técnica.

• Preparar o insumo ativo na potência desejada e incorporá-lo ao insumo inerte na proporção de 10% (p/v) ou (v/v). (FHB, 2011)

• Quando for mais de um insumo ativo, prepará-los, separadamente, nas potências desejadas. Misturá-los em partes iguais e homogeneizar. Incorporar esta preparação ao insumo inerte na proporção de 10% (p/v) ou (v/v). É facultado o uso de conservantes. (FHB, 2011)

ativos sólidos). Incorporar a fase líquida ao insumo inerte e homogeneizar. Em seguida, incorporar a fase sólida e homogeneizar.

• Secar à temperatura não superior a 50 °C. (FHB, 2011)

2.3.1.5 Com insumos ativos liquidos

Técnica

• Os insumos ativos da fase líquida serão preparados separadamente, nas potências desejadas.

• Misturar os insumos ativos da fase líquida, em partes iguais e suficientes, nas proporções da formulação e homogeneizar para comporem essa fase.

• A soma dos insumos ativos deve corresponder a no mínimo 5% do produto final.

• Incorporar, em temperatura não superior a 50 °C, os insumos ativos ao insumo inerte fundido, na proporção de no mínimo 5% (p/p) e moldar adequadamente. (FHB, 2011)

2.3.1.6 Com insumos ativos liquidos

Técnica.

• Os insumos ativos da fase líquida serão preparados separadamente, nas potências desejadas.

• Misturar os insumos ativos da fase líquida, em partes iguais e suficientes, nas proporções da formulação e homogeneizar para comporem essa fase.

• A soma dos insumos ativos deve corresponder a no mínimo 5% do produto final. (FHB, 2011)

• Incorporar, em temperatura não superior a 50 °C, os insumos ativos ao insumo inerte fundido, na proporção de no mínimo 5% (p/p) e moldar adequadamente. (FHB, 2011)

2.3.1.7 Com insumos ativos liquidos

Técnica.

• Os insumos ativos da fase líquida serão preparados separadamente, nas potências desejadas.

• Misturar os insumos ativos da fase líquida, em partes iguais e suficientes, nas proporções da formulação e homogeneizar para comporem essa fase. (FHB, 2011)

• A soma dos insumos ativos deve corresponder a 10% do produto final.

• Em temperatura não superior a 50 °C, incorporar a fase líquida ao insumo inerte e homogeneizar, depois incorporar a fase sólida e homogeneizar. (FHB, 2011)

3 FORMULAÇÕES FARMACÊUTICAS

3.1 Formulações liquidas

1) Com um insumo ativo:

Técnica. Diluição do insumo ativo no volume adequado de insumo inerte.

Exemplos.

a) *Lycopodium clavatum* 30 CH ..... XX gotas

Água purificada ..... 30 mL ou,

Lycopodium clavatum 30 CH ..... XX/30 mL. **b)** *Lycopodium clavatum* 30 CH ..... X gotas

Etanol a 96% (v/v) ..... V gotas

Água purificada ..... 30 mL

ou,

Lycopodium clavatum 30 CH ..... X/V/30 mL (FARMACOPEIA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, 3 ED.)

c) *Lycopodium clavatum* 30 CH 1%

Etanol a 30% (v/v)..... qsp 30 mL (FARMACOPEIA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, 3 ED.)

3.2 Com mais de um insumo ativo liquido

Técnica.

Preparar, separadamente, nas dinamizações desejadas, os medicamentos constantes da formulação em etanol a 30% (v/v). No caso de medicamentos com insumos ativos nas potências de 3 CH e 6 DH, inclusive, utilizar no preparo o mesmo teor alcoólico do ponto de partida.

Misturar essas preparações em partes iguais ou nas proporções adequadas para o volume indicado:

Exemplos.

a) *Belladona* 6 CH ãã ..... 30 mL

Phytolacca dec. 6 CH

Procedimento: misturar 30 mL de cada medicamento obtendo-se o volume final de 60 mL.

b) *Belladona* 6 CH ãã ..... qsp ..... 30 mL

Phytolacca dec. 6 CH

Procedimento: misturar 15 mL de cada medicamento obtendo-se o volume final de 30 mL.

c) *Belladona* 6 CH 1%

Phytolacca dec. 6 CH 2%

Etanol a 30% (v/v) ..... qsp ..... 30 mL

Procedimento: misturar 0,3 mL (1%) de *Belladona* 6 CH com 0,6 mL (2%) de *Phytolacca dec*. 6 CH e completar o volume para 30 mL com álcool a 30% (v/v). (FARMACOPEIA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, 3 ED.)

4. DISCUSSÃO

Os ensaios clínicos realizados em homeopatia têm sobretudo como meta demonstrar a eficácia farmacológica da homeopatia. Se as metas-análises realizadas mostram que a homeopatia difere do placebo, elas trazem poucos argumentos em favor da eficácia clínica da homeopatia em uma indicação clínica precisa.

No tocante aos ensaios clínicos que tratam da homeopatia individualizada, eles são de feitura mais difícil, e são essenciais para avaliar a eficácia da homeopatia praticada nos consultórios médicos, e para aí integrar, pelo menos em parte, os dados provenientes da medicina “fundamentada em fatos”. Isso necessita de um melhor conhecimento prévio de realidade das prévio da realidade das prtáticas homeopáticas , com ajuda de estudos de observação prospectivas que permitam um planificação real dos ensaios clínicos aleatórios.

Hoje, por força de lei, a qualidade de um produto farmacêutico assume proporções que aproximam as exigências estabelecidas, seja para uma farmácia de manipulação, seja para um laboratório industrial. Em paralelo, cada vez mais o consumidor se conscientiza de seus direitos e possibilidades.

Sob o peso dessas duas fortes exigências, só resta o farmacêutico abraçar com todo o empenho essa oportunidade e utilizar profundamente os conhecimentos qe o tornam o único profissional capaz de enfrentar tal desafio.

5. CONCLUSÃO

Considerando que a homeopatia é uma terapia que vem somar no que diz respeito ao tratamento preventivo e curativo das patologias dos humanos.

O medicamento homeopático é todo medicamento fabricado por meio da farmacotécnica homeopática, que utiliza o princípio da similitude, que vem do termo *similia similibus curantur*, que significa semelhante cura semelhante.

O princípio da similitude, ou seja, do tratamento homeopático é a utilização de um medicamento fabricado através da farmacotécnica homeopática, que consiste em administrar ao doente animal ou mesmo em humanos, doses ultradiluídas líquidas e dinamizadas de substâncias que promovam a mesma enfermidade em um ser saudável em concentrações maiores, para que assim o próprio organismo doente seja estimulado e promova a cura.

A farmacotécnica homeopática baseia-se em diluições liquidas seguidas de sucussões e de acordo com a Farmacopeia Homeopática Brasileira apresentam finalidade preventiva e terapêutica.

REFERÊNCIAS

ABFH; **Manual de Normas Técnicas para Farmácia Homeopática**. 4 ed. São Paulo, 2007.

DUTRA, Verano Costa; **Farmacotécnica Homeopática Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro** – REDETEC. Rio de Janeiro, 30 p. 2011.

BRASIL. Decreto. **Farmacopéia Homeopática Brasileira**. 2ª Ed. São Paulo, . 364 p. 2011.

FONTES, Leite Olney; **Farmácia Homeopática**. 4ª Ed. São Paulo, 386 p. 2013.

SAREMBAUD, Alain; **Homeopatia Conceitos Básicos**. 2ª Ed. São Paulo, 309 p. 2003.